

# **DEFESA DO MARXISMO**

**POLÊMICA REVOLUCIONÁRIA E OUTROS ESCRITOS**

**JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI**

**TRADUÇÃO, ORGANIZAÇÃO E ÍNDICE ONOMÁSTICO**

**YURI MARTINS FONTES**

**BOITEMPO EDITORIAL**

**SUMÁRIO**

## **INTRODUÇÃO**

MARIÁTEGUI E A FILOSOFIA DE NOSSO TEMPO (YURI MARTINS FONTES)

## **DEFESA DO MARXISMO – POLÊMICA REVOLUCIONÁRIA**

- I- HENRI DE MAN E A "CRISE" DO MARXISMO
- II- A TENTATIVA REVISIONISTA DE "MAIS ALÉM DO MARXISMO"
- III- A ECONOMIA LIBERAL E A ECONOMIA SOCIALISTA
- IV- A FILOSOFIA MODERNA E O MARXISMO
- V- TRAÇOS E ESPÍRITO DO SOCIALISMO BELGA
- VI- ÉTICA E SOCIALISMO
- VII- O DETERMINISMO MARXISTA
- VIII- SENTIDO HEROICO E CRIADOR DO SOCIALISMO
- IX- A ECONOMIA LIBERAL E A ECONOMIA SOCIALISTA
- X- FREUDISMO E MARXISMO
- XI- POSIÇÃO DO SOCIALISMO BRITÂNICO
- XII- O LIVRO DE EMILE VANDERVELDE
- XIII- O IDEALISMO MATERIALISTA
- XIV- O MITO DA NOVA GERAÇÃO
- XV- O PROCESSO CONTRA A LITERATURA FRANCESA CONTEMPORÂNEA
- XVI- "A CIÊNCIA DA REVOLUÇÃO"

## **OUTROS ESCRITOS**

- CRISE DA DEMOCRACIA
- FATOS E IDEIAS DA REVOLUÇÃO RUSSA
- CRISE DO SOCIALISMO
- MENSAGEM DO ORIENTE
- AS REIVINDICAÇÕES FEMINISTAS
- PROGRAMA DO PARTIDO SOCIALISTA PERUANO

## **ÍNDICE ONOMÁSTICO**

\*\*\*

# Introdução

## Mariátegui e a filosofia de nosso tempo

por **Yuri Martins Fontes**<sup>1</sup>

Figurando dentre os principais expoentes da filosofia contemporânea, o pensador e ativista peruano José Carlos Mariátegui, somente neste novo século vem ocupando nos meios editorial e acadêmico o espaço de posteridade que sua obra lhe designou. Com delicado estilo analítico e clareza expositiva, constrói texto ponderado e sempre regado por detalhadas fontes, onde mesmo críticas agudas sabem ser colocadas de maneira gentil. Seus escritos, elaborados especialmente nos anos 1920, percorrem temas históricos, filosóficos e artísticos, dentre outros, manejando com precisão a ferramenta dialética materialista para desvendar desde a história de seu país, inserida em um contexto latinoamericano periférico, até aspectos da geopolítica mundial. Sem ter buscado com imensos tratados aventurar-se a formular alguma solução abstrata para todo o sempre da humanidade, este marxista de práxis – cuja vida teórica e prática foram inerentes – usou do faro de jornalista e viajante, aliado à solidez de historiador, para investigar aspectos pertinentes que tornassem possível transcender uma sociedade decaída e subjugada pela violência do capital. Seus luminosos ensaios tratam de diversos problemas da época – qual um vaga-lume insistente a prover de fagulhas as noites sem lua do pós-Guerra em que via o Homem se perder. Com originalidade e erudição, e sem deixar de ter como princípio a comunicação com as massas, conjugou sua vida de militante com reflexões acerca de como tornar viável o caminho da mais nobre e saudável utopia comunista.

Seu marxismo dito *heterodoxo* – taxado de irracionalista por socialistas ainda atados ao espírito positivista típico dos tempos – foi um dos primeiros que acusou a necessidade de que o Homem desenvolvesse todas as faces de seu ser: a racional e a irracional; a intelectual e a sentimental; a sensual e a criativa. Exercendo sua ampla capacidade de visão desde os alicerces do materialismo-histórico, e sem cair nas vias anárquicas de um

---

<sup>1</sup> Filósofo, jornalista e pesquisador da Universidade de S. Paulo.

ecletismo diletante, soube absorver as essências conceituais que haviam de libertárias em pensadores proscritos pela esquerda ortodoxa, agregando à sua contribuição ético-ontológica, categorias fundamentais ao ideal do materialismo-histórico – auscultando desde as ideias de Georges Sorel, às de Freud e Nietzsche, dentre vários outros nomes centrais ao contemporaneísmo.

### 1- Ensaio dialético por uma filosofia da práxis

Nos artigos selecionados para esta publicação, Mariátegui se atém às questões filosóficas e políticas mais prementes do conturbado momento em que viveu, quando por um lado, as potências capitalistas haviam levado a humanidade a conhecer uma das piores carnificinas de sua história – a Primeira Guerra Mundial –, enquanto por outro, a Revolução Soviética apontava uma possibilidade de fuga daquele sistema que ele percebia como ilógico e imoral. Sua técnica de dissecar experiências da discussão socialista e equívocos dos revisionistas, ou ainda de iluminar personagens importantes no jogo dos poderes e ideias, no entanto, não se limita a um abstracionismo esquerdista, ou a uma emotiva história política – mas é antes uma plataforma tática de onde ele se ergue para enxergar o porvir humano naquele instável pós-Guerra, onde um capitalismo feroz demonstrava sua incapacidade de oferecer ao Homem uma solução de paz duradoura, em meio às ambições contrapostas de nações imperialistas dispostas a obter máximas vantagens. Assim, o jornalista e historiador, ao propor uma direção aos rumos da ciência e da história, afirma-se também como filósofo.

Diante de um discurso eloqüente e cativante, esta tradução buscou preservar o estilo do autor e da época, mantendo a contundência de suas repetições, seus ritmos de pontuação e sua escolha de termos que, sem serem prolixos, são eruditos, exigindo conceituação precisa. Deste modo, pretendeu-se falsear o menos possível a mensagem e poder de persuasão dos textos originais – cujo tom beira mesmo o poético.

Abre esta edição, *Defesa do marxismo – polêmica revolucionária*, seu principal livro sobre temas filosóficos, no qual esboça pontos de vista fundamentais acerca do marxismo – e que ora ganha sua primeira versão em português, mais de oitenta anos depois de escrito. Na obra, elaborada entre 1928 e 1929 – últimos anos de estabilização capitalista antes da grande crise econômica – pode-se perceber um pensador cujos conhecimentos sobre as principais teorias que ao lado da *filosofia da práxis*<sup>2</sup> de Marx e Engels fundaram

---

<sup>2</sup> “Filosofia da práxis”, como “materialismo-histórico”, são designações da filosofia marxista. Em *Filosofia da práxis*, o filósofo mexicano Sanchez Vázquez define a *práxis* como uma “teoria condicionada historicamente e fundamentada cientificamente” – atentando à necessidade de que o pensamento una a teoria à prática, que seja totalizante, transformador, que transponha as especialidades que reduzem o indivíduo contemporâneo, permitindo ao Homem desenvolver com plenitude suas potências psíquicas e físicas.

o mundo contemporâneo, despontam em meio à ortodoxia do comunismo daquele início de século. O idealismo e fé racional de Mariátegui – à semelhança dos também tidos como heterodoxos, Gramsci e Caio Prado – o levaria em rumo distinto do evolucionismo tímido da Segunda Internacional. Na obra destes três pensadores, apesar das distintas realidades históricas vividas, nota-se a mesma característica ensaística ou experimental, a denotar seu caráter jornalístico e militante de intervenção na opinião pública.

Em seu duro embate contra o revisionismo – que a partir de críticas ao socialismo burocrático e obsoleto predominante na Europa Ocidental, quer negar ou superar o marxismo –, Mariátegui envereda pela discussão da moderna psicanálise, que vinha sendo usada como arma por pretensos reformadores. É o caso do principal personagem atacado em sua *defesa marxista*, o “derrotista” Henri de Man – “reformista desenganado” pela medíocre experiência do socialismo na Bélgica. Para Mariátegui, sua crítica não é original e nem cabe ao marxismo de fato – heróico e revolucionário –, mas serve sim ao próprio “reformismo” do ambiente em que o belga se situa – o “ambiente medíocre e passivo” do sindicato e da social-democracia de seu país. Em sentido inverso, o peruano mostra como as contribuições de Freud e da psicologia contemporânea são convergentes e úteis ao materialismo-histórico, concluindo que a “interpretação econômica da história não passa de uma psicanálise generalizada do espírito social e político”.

Os quatro títulos seguintes da presente coletânea foram selecionados dentre aqueles que vieram a público em castelhano sob o nome de *La escena contemporánea* [A cena contemporânea], nos quais o autor foca com destreza psicológica, figuras e aspectos da realidade internacional – analisando-os segundo a dialética materialista, inseridos no contexto histórico. São “impressões – como ele as define – por demais fragmentadas” para se pretenderem uma explicação da época, mas que contém “um esboço ou ensaio de interpretação dessa época e de seus tormentosos problemas”.

Já os dois últimos escritos, vêm a ilustrar seu espírito engajado, atento a tensões que pulsam em seu entorno social – no caso, o advento de ainda confusas ideias feministas ao Peru, bem como suas teses como líder socialista a traduzir o marxismo ao contexto peruano, expostas no programa de seu partido. Uma questão que lhe é básica, é a de como articular de modo dialético o desenvolvimento científico de origem ocidental (tradição *intelectual* européia), com o desenvolvimento comunitário fraterno *oriental*<sup>3</sup> (típico das tradições indígenas), no intuito de conceber uma perspectiva comunista autêntica. Para tanto, realiza análises históricas, econômicas, socioantropológicas, literárias e pedagógicas, demonstrando erudição científica e artística que pode ser

<sup>3</sup> Mariátegui usa o termo *oriental* em sentido similar ao que Edward Said mais tarde irá desenvolver em *Orientalismo* – ou seja, o *não-ocidental*, os *outros*, os *diferentes*.

observada em vários dos ensaios da presente publicação. Assim, de modo a oferecer ao leitor um panorama didático sobre o conhecimento do autor a respeito de ideias que o cercavam – facilitando a fluidez da leitura –, confeccionou-se o *Índice Onomástico* que compõe esta edição.

Como Mariátegui sugere relativamente a muitos de seus escritos, os ensaios que elaborou foram intervenções ativistas, apaixonadas, constituindo-se em germes de livros mais orgânicos que desejaria desenvolver mais tarde. À revelia de qualquer *enquadramento* ideológico ou acadêmico declara que seu trabalho se desenvolve “segundo a observação de Nietzsche, que não apreciava o autor envolvido na produção intencional e deliberada de um livro, mas sim aquele cujos pensamentos formavam um livro de forma espontânea”. No calor da luta, escreve por amor, atua movido pela fé na causa revolucionária – sentimento que acredita ser a grande contribuição dos povos indígenas à Revolução. Contudo, sua vida abreviada antes dos 36 anos não o permitiria ampliar e sistematizar em teses sua produção ensaística – vítima de uma infecção na perna, derivada de um golpe que recebera quando jovem, morre em 1930.

## **2- Contexto histórico-ideológico**

Considerado hoje um dos mais profundos marxistas americanos, Mariátegui exerce influência sobre diversos movimentos sociais da atualidade – desde o MST e a Via Campesina, às guerrilhas do Túpac Amaru, Sendero Luminoso, FARC-EP e Exército Zapatista. Segundo o autor, cuja teoria foi organicamente voltada à prática: a “faculdade de pensar a história” se identifica com a “faculdade de fazê-la e criá-la”. Em uma de suas principais obras historiográficas, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, traduzida para mais de setenta idiomas e cuja leitura é obrigatória em seu país, afirma: “Meu pensamento e minha vida constituem uma única coisa, um único processo” – ao que acrescenta que deve ser valorizado aquele “capaz de traduzir em atos” o que até então “não pôde ser senão idéia”.

Trabalhando como jornalista, nos anos 1920 ele se aproxima do movimento operário, enfrentando a classe dirigente limenha e apoiando greves. O então presidente peruano, casado com uma parente sua, impõe-lhe o exílio. Ele segue para a Europa, e elege a Itália para viver a maior parte do tempo – país em que “desposaria algumas ideias e uma mulher”. Aí, vê de perto a ascensão do fascismo, no que entende ser uma resposta do grande capital a uma crise social profunda – a expressão de uma classe dominante que já não se sente protegida por suas instituições pobremente democráticas. Neste período se forma como ideólogo do comunismo, travando também contato com a psicanálise e a

filosofia intuitiva de Nietzsche – assunto que o interessa especialmente no tocante à impotência do Homem moderno, inserido na estrutura cultural burguesa-cristã. Quando regressa a Lima, Mariátegui já se declarava comunista; suas ideias foram acusadas de *europizadas* por nacionalistas, ao que ele contesta: “Fiz na Europa o melhor de minha aprendizagem e acredito que não há salvação para a Indo-América sem a ciência e o pensamento europeus ou ocidentais”. Participa então da fundação do Partido Socialista Peruano – para o qual não elege a denominação *comunista*, devido à apropriação do termo na época por uma linha moscovita que se burocratizava.

Para o autor, a teoria marxista sobre as revoluções nacionais não pode ser obstruída por uma visão estagnada e pré-estabelecida – mas é antes um *método interpretativo* e uma *prática de vida* que devem ser construídos segundo a realidade de cada país. Refuta assim, a leitura *europeia* de revolucionários ortodoxos defensores do *etapismo*, que enxergam no capital um papel civilizador: “não existe no Peru, como jamais existiu, uma burguesia, com sentido nacional”. Entende que é preciso que se desenvolva uma perspectiva revolucionária com raízes nas próprias tradições e culturas populares. Tal posição foi vista como afronta não apenas pela ortodoxia socialista, como pela centro-esquerda revisionista da Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), movimento reformista influente no Peru, liderado por Haya de la Torre. O marxismo latino-americano, como analisa Michael Löwy<sup>4</sup>, estava então polarizado entre ambas as atitudes extremistas: os ortodoxos queriam submeter o particular ao universal; os *revisionistas* superestimavam as especificidades locais em prejuízo da *universalidade* da teoria de Marx.

Mariátegui entendia que o comunismo na América não poderia ser uma cópia europeia, mas sim uma “criação heróica”, onde a comunidade camponesa autóctone, essencialmente solidária em suas relações sociais, se tornaria a base do Estado contemporâneo. Em defesa desta tese, expõe sua concepção sobre o *comunismo primitivo* em que viviam os incas (ou *quéchuas*), povo “disciplinado e simples”, e que dispunha de “bem-estar material”:

Todos os testemunhos históricos concordam na afirmação de que o povo incaico – trabalhador, disciplinado, panteísta e simples – vivia com bem-estar material(...). A organização coletivista, regida pelos incas, tinha amortecido o *impulso individualista* nos índios; mas havia desenvolvido neles, em proveito deste regime econômico, o hábito de uma humilde e religiosa obediência ao seu dever social(...). O trabalho coletivo e o esforço

---

<sup>4</sup> Na coletânea *El marxismo en América Latina*.

comum eram frutiferamente empregados nos fins sociais.<sup>5</sup>

Tais práticas saudáveis dos indígenas têm de ser preservadas, sem que no entanto se deixe de levar em conta o aporte que a cultura europeia legou ao mundo – e cujo “mais alto plano é a filosofia marxista”. Ao contrário das análises fechadas então predominantes dentre os partidos comunistas europeus, ele parte de uma observação fundamental: o socialismo em um país onde três quartos da população é indígena, não pode ser criado sem a participação efetiva dos índios. A libertação do índio peruano passa pela união dos povos indígenas, em luta conjunta com camponeses e trabalhadores urbanos, na construção de um socialismo adequado às realidades históricas do Peru.

Já em seu enfrentamento ao outro extremo, critica o *indigenismo* dos apistas, alertando que o socialismo não pode ser confundido com paternalismo. Para ele, tal ideia criada verticalmente por mestiços crioulos das classes letradas, embora útil para condenar o latifundismo, tem um cunho filantrópico de caridade que não serve à revolução. Aqui, bem como em passagens salpicadas em vários de seus livros, observa-se certa influência nietzscheana – no caso, a desmascarar o suposto valor do *bom burguês* caridoso.

Sua obra, por essas razões, apesar do atual reconhecimento internacional, foi por muito tempo impopular. Seu marxismo autônomo, original e criativo, foi segregado como *desvio ideológico*. Isto fez com que tardassem décadas para que um livro seu chegasse aos brasileiros – o que se deveu também a fatores como a marginalidade do Peru aos olhos de um Brasil sempre voltado à Europa, Estados Unidos e quando muito, Argentina e México.

### **3- A filosofia da plenitude humana**

Travando contato com as ideias de Freud e de Nietzsche, Mariátegui as percebe, junto às de Marx, como das mais letais ao racionalismo positivista, ou *vulgar* – visão perfeccionista advinda do Iluminismo. Constatados e explícitos os descaminhos da civilização capitalista ocidental, o narcisismo do Homem moderno – divinizado – estava ferido. E em pouco tempo, a difusão da *física moderna* se somaria ao desmonte dessa razão vulgar, demonstrando que nem as ciências ditas exatas, são exatas. Assim, do velho positivismo não restariam senão escombros, sobre os quais se ergueria o *neo-racionalismo* hoje imposto, a louvar um pensamento técnico-científico redutível a *números*

<sup>5</sup> Um de seus *Sete ensaios*.

– precariamente demonstrável e supostamente útil –, em detrimento de qualquer reflexão filosófica a lhe servir de guia. Tal ideia é a que hoje fornece as bases do dogma neoliberal, a pregar que o pensamento é *único*, e pautado pelo paradigma *economicista* segundo o qual *quantidades absolutas e mensuráveis* são a *medida* essencial do progresso. Sendo desesperançado, o *neo-racional* tende a ser conservador, ou na melhor das hipóteses, sua crítica é cética – e portanto passiva. O cientista valorizado na sociedade burguesa, se já não tem mais a pretensão positivista ingênua de *descrever* o mundo, quer ainda reduzir o pensamento à produção de pequenas verdades técnico-utilitárias mensuráveis – desgovernadas – que garantem a manutenção de privilégios econômicos, embora degradem corpo e espírito. Há pois, um intuito pragmático imediatista que empobrece a própria *razão*, servindo portanto ao capitalismo – além de influenciar parcela de socialistas que não lograram suplantar uma estreita *razão intelectual*, mesmo após a constatação de que não existe *conhecimento exato*, mas *probabilístico*. Mariátegui, atento a esse movimento epistêmico-ideológico, percebe como central a discussão sobre o positivismo e sua influência mecanicista no marxismo, construindo crítica fundamentada na tese de Marx de que a verdade só existe na *história* – o que por sua vez remonta a Hegel, para quem a verdade só existe no *tempo*:

A filosofia contemporânea varreu o medíocre edifício positivista. Esclareceu e demarcou os modestos limites da razão(...). É inútil procurar uma verdade absoluta. A verdade de hoje não será a verdade de amanhã. Uma verdade é válida apenas para uma época. Contentemo-nos com uma verdade relativa.<sup>6</sup>

Embora menos estrito, esse *intelectualismo* remodelado – discurso utilitarista e pessimista que sucede o anterior otimismo iludido – mantém uma soberba valorização do *objetivismo* científico, uma abstração irreal, como o mostrou Einstein e a ciência moderna, e que é ainda mais simplória em se tratando da imensurável complexidade humana. Pragmática, esta *razão intelectual* menospreza uma *razão subjetiva* que contemple também as potências humanas afetivas – sentimentos acerca do justo e do belo – em busca de uma “razão mais ampla”; ou seja, um conhecimento que enverede no campo do *incomensurável*, porém concebível, próprio das disciplinas filosóficas ética e estética, reunificando a razão que fora desmembrada teoricamente por Kant.

Schelling, citado por Adorno e Horkheimer, em sua *Dialética do Iluminismo* – cuja tradução em geral obscura intitula *Dialética do Esclarecimento* – sintetiza a questão: “a

---

<sup>6</sup> No artigo *A alma matinal*, publicado na revista *Amauta* (Lima).

arte entra em ação quando o saber desampara os homens”. Segundo os filósofos da Escola de Frankfurt, esse (agora sim) *esclarecimento* neoiluminista – *intelectualismo* do século XX que corrompe a diversidade existencial em valores monetários – está infectado por sua *covardia* perante o devir histórico: o “medo de pensar a si mesmo”, afirmam, não lhe permite constatar o “elemento destrutivo do progresso”, o qual sob o comando dos mais *esclarecidos* “dirige a sociedade em direção à barbárie”:

Se o *esclarecimento* não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino(...). A causa da recaída do esclarecimento está no próprio esclarecimento *paralisado pelo temor à verdade*(...) [o que se manifesta como] a aversão à dúvida, o agir por interesse, a preguiça nas investigações pessoais, o fetichismo verbal, o deter-se em conhecimentos parciais(...). O que os Homens [elite esclarecida] querem aprender da natureza é como empregá-la para *dominar* completamente a ela e aos Homens(...). Para o *esclarecimento*, aquilo que não se reduz a números passa a ser ilusão: o *positivismo moderno* remete-o para a literatura.

Preludiando as críticas dos frankfurtianos, a análise mariateguiana vai mais além de negar o positivismo *ingênuo*, contrapondo-se também ao neo-racionalismo cético – inserindo-se na tradição não-ortodoxa marxista que desde cedo recusa o *economicismo*, entendendo de modo amplo o *desenvolvimento humano* – cuja essência é a possibilidade de realização *plena* do Homem, enquanto ser teórico e prático, racional e instintivo<sup>7</sup> – um conceito distinto do mero progresso tecnológico desgovernado a que hoje se tenta reduzir tal noção. As ciências humanas têm complexidade incomparavelmente maior do que as naturais; não é possível reduzir seu objeto de análise à camada tênue superficial a que chamamos *consciência*, bem como não se pode querer compartimentar artificialmente a já frágil razão. Daí que seja preciso haver pontos-de-vista teóricos ampliados, que abarquem desde a história, a economia, a psicologia – o inconsciente – e as demais ciências sociais, às disciplinas filosóficas e à literatura, em oposição à fragmentação das faculdades supostamente autônomas, alijadas umas das outras conforme a tendência atual da

<sup>7</sup> Quanto ao desenvolvimento *totalizante* das potências humanas, vale remeter-se à obra *Tipos Psicológicos*, de C. G. Jung, em que o autor sistematiza orientações características humanas, a partir das concepções autóctones de diversas culturas antigas (gregos, chineses, brâmanes, indo-americanos e africanos), bem como de tendências expressas na literatura (Platão, Goethe, Nietzsche, etc). Sua investigação antropológica, entretanto, é limitada por certa rigidez determinista, segundo a qual o ser humano só conseguiria desenvolver uma destas potências, recalçando as demais. O que o neofreudiano não percebe desde o patamar nublado de seu academicismo estruturalmente burguês, é que a conformação social impõe sérias restrições à plenitude humana, à dialética das tendências psíquicas opostas – tema que Marx já havia levantado no século XIX. Assim, num eixo racional, não apenas *estão*, mas *movem-se*, num processo de individuação, as potências *intelectual* e *sentimental*; enquanto que noutro eixo, o irracional (ou instintivo), contrapõe-se e se complementam a sensualidade (conjunto de percepções presentes) e a intuição (faculdade criadora perceptiva do devir).

*especialização* que domina uma ciência técnico-mercadológica<sup>8</sup>.

A ideia de totalização, tanto do conhecimento como da plenitude humana, é vital para Marx e Engels – e também o movimento dos *Annales* mais tarde a abraçaria. Em *A ideologia alemã*, Marx acusa a limitação do Homem pelo capitalismo, afirmando que em uma *sociedade comunista*, “cada um não tem um campo de atividade exclusivo, mas pode se aperfeiçoar em todos os ramos que lhe agradem”.

A *filosofia da práxis* mariateguiana, situa-o assim como um dos marcos fundadores da *contemporaneidade* do pensamento *filosófico* americano – ao lado de poucos outros de sua época, como Caio Prado e o cubano Julio Mella<sup>9</sup>. Seus aportes transcendem o *científico* rumo ao *filosófico*, pois que são *universais*, embora observados a partir de singularidades de sua própria cultura; por exemplo, a *dominação* vista, não do ângulo europeu, mas do próprio *dominado*. Trata-se ainda de um pensamento *contemporâneo*, no sentido de que o materialismo-histórico terá pertinência e deverá estar no cerne da discussão humana, enquanto não for conquistada a superação dessa estrutura econômica de *escassez* que obstrui as possibilidades de *plenitude* humana. Ou na expressão de J-P. Sartre – que se aprofundou no assunto em *Questão de método* – o marxismo é a “única filosofia de nossa época” e qualquer outra filosofia que se poste em contrário, só poderá ser um retrocesso arcaico. “Um argumento ‘anti-marxista’ – analisa – não passa de um rejuvenescimento aparente de uma ideia pré-marxista”<sup>10</sup>.

Ao server variadas fontes, a filosofia de transformação sócio-cultural mariateguiana investiga vários campos do saber e absorve sem preconceitos críticas que considera contundentes para corroborar o ideal comunista – valorizando a riqueza de novos temas e pontos de vista, num gesto que ratifica seu espírito dialético.

#### **4-Análise do *inconsciente* como reforço à teoria da alienação**

Embora em meados do século XX as categorias psicanalíticas tenham passado a interessar substancialmente aos marxistas, Mariátegui foi um dos primeiros a dar-lhe a devida atenção ainda na época do entre-Guerras. O pioneirismo da reflexão

---

<sup>8</sup> A esse respeito, Caio Prado, em suas *Notas introdutórias à lógica dialética* afirma que a ciência é vista de forma “deformada”; que o método usado pelos cientistas, cada vez mais especializados e fechados dentro dos limites de suas próprias disciplinas, “se inspira numa concepção atomística da conceituação, e nada têm a ver com a verdadeira natureza do conhecimento”. Nota-se aqui influência da psicologia da forma (ou *Gestalt*) na concepção deste autor.

<sup>9</sup> Mella foi também pioneiro em negar o caráter *nacional* às burguesias locais, além de ter se interessado por ideias de Nietzsche (ver *Homens da Revolução*).

<sup>10</sup> Esse tema foi explorado, além de Mariátegui, por Rosa Luxemburgo, Caio Prado e Florestan Fernandes, dentre vários outros grandes pensadores marxistas.

mariáteguiana sobre a necessidade de a práxis abarcar o tema da *irracionalidade*, se dá bem antes de que Sartre desenvolvesse a questão – tornando-a popular ao elaborar na Europa já vitimada por duas grandes guerras, teoria em que denuncia a *crise da civilização europeia*. Conforme analisa o historiador da filosofia Leopoldo Zea – em *A filosofia americana como filosofia* – a Segunda Guerra foi um episódio limite da irracionalidade da *razão esclarecida*, envergonhando o ser *humano* e influenciando o pensamento latino-americano. Mas Mariátegui não viveria para vê-la, embora se possa ler em seus textos – como o ensaio *A Crise da democracia*, presente nesta edição – que ele já previa uma tragédia do gênero, diante da incapacidade de ambiciosas potências chegarem a uma paz duradoura, após a *trégua* de 1918.

Para Mariátegui, tanto o problema *econômico-material* colocado por Marx, como a *repressão sexual* apontada por Freud, remetem-se a necessidades psíquicas e físicas que são as mais básicas, e que por conseguinte não são excludentes, mas se reforçam – ao atentarem à alienação humana exterior (social) e interior (individual). De fato, é nítida a semelhança entre escritos de Engels e de Freud quanto à sociedade primitiva: para ambos, os homens vieram a se tornar animais trabalhadores através da repressão de seus impulsos, pois que o trabalho pela sobrevivência exige a cooperação social e certa repressão dos desejos sexuais.

Mariátegui entende que ao lado repressão social, a sexual é questão premente a uma efetiva práxis, que almeje superar o estágio raso no qual se afoga o Homem *civilizado*. Em *Defesa do marxismo*, afirma que as teorias marxista e psicanalítica atentam a “deformações”, uma observando a consciência, a outra a sociedade:

Freudismo e marxismo – embora os discípulos de Freud e de Marx não sejam ainda os mais propensos a entendê-lo e adverti-lo – aparentam-se em seus diferentes domínios, não só pelo que em suas teorias há de “humilhação”, como diz Freud, às concepções idealistas da humanidade, mas também por seu método diante dos problemas que abordam.

Para esta polemização teórica, Mariátegui cita o trotskista Max Eastman, que em *Marx, Lenin, and the science of revolution* [Marx, Lenin e a ciência da revolução] coincide com Henri de Man na tendência de estudar o marxismo sob dados da psicanálise – embora sem pretender “liquidar o marxismo”, como o belga:

Para curar os transtornos individuais – observa Max Eastman – o psicanalista presta uma atenção particular às deformações da consciência produzidas pelos impulsos sexuais reprimidos. O marxista, que busca curar os transtornos da sociedade, presta uma atenção

particular às deformações engendradas pela fome e pelo egoísmo.

Ainda nessa linha, vale lembrar as pesquisas de Wilhelm Reich, marxista contemporâneo a Mariátegui. Em *Um ensaio sobre a Revolução Sexual*, o sociólogo Daniel Guerin diz que Reich construiu uma “síntese freudo-marxista” ao afirmar que a revolução tem que romper a moral social *arraigada e doente*, restaurando a força humana *natural* reprimida, constituindo-se simultaneamente em uma revolução *social e sexual*:

Antes das inscrições nas paredes da *Sorbonne*, Reich havia percebido que a repressão da sexualidade pela sociedade estrofia suas vítimas, as torna *dementes* ou *impotentes*, ao mesmo tempo que esbanja uma enorme quantidade de energia psíquica (...) e *paralisa* as forças da revolta no oprimido.

Em *A irrupção da moral sexual repressiva*, Reich afirma que os “sociólogos burgueses” vieram a “falsificar a história para sustentar que a monogamia teria sempre existido, dissimulando que a poligamia e a promiscuidade sexual exerceram papel importante nas sociedades primitivas”. Para o autor, o *moralismo* sexual da civilização ocidental é ideológico e patológico. Confirmando tal tese, Lévi-Strauss em seus *Tristes Trópicos* acusa a violenta repressão da cultura *ocidental* – a que nos acostumamos a ver como *normal* –, ao expor que os índios *nambiquaras* viviam em um equilíbrio natural entre o trabalho e a sexualidade, cumprindo suas tarefas “quase sempre alegres e risonhos, em um clima erótico que impregna a vida no dia-a-dia”. Outro importante marxista *heterodoxo* que viria depois a se dedicar a essa convergência – apontando inclusive a importância de a práxis abarcar conceitos do zen-budismo e do taoísmo – é Erich Fromm. Em *Meu encontro com Marx e Freud*, avalia que estes pensadores tiveram como essencial o problema da *alienação*, embora reconheça que “a crítica de Marx seja de maior profundidade e alcance”. Marx concebe que “a exigência de abandonar ilusões sobre sua condição é a exigência de abandonar uma condição que necessita de ilusões” – frase que segundo nota Fromm, também caberia a Freud. “Enquanto para Marx a verdade era uma arma para as modificações *sociais*, para Freud ela servia às modificações *individuais*”. O conhecimento que liberta deve atentar ao exterior e ao interior – às possibilidades sociais e às individuais. A psicanálise busca fazer com que seu paciente perceba “o caráter fictício de suas ideias conscientes”, tornando consciente o que era inconsciente, e assim alcançando o poder para transformar-se. Já para Marx, o *conhecimento* é meio essencial para *transformar*, tanto a *sociedade*, como o *indivíduo*.

Complementando esse panorama de ideias que abrem o marxismo à psicologia, vale

notar que pioneirismo de Mariátegui não se limitou a conhecer Freud, mas foi também em busca das contribuições nietzscheanas, no aspecto de sua investigação *intuicionista* – mergulho ao inconsciente que visa desvendar o Homem a si mesmo, expondo sem pudor suas fraquezas e máscaras. Nietzsche – como Marx e Freud – também vê como primordial a questão da *alienação*. As teorias dos três pensadores têm a semelhança de investir contra este estado alienado – seja social, instintivo ou existencial – em busca da libertação do Homem. Em seu Zaratustra, Nietzsche, critica a vida *superficial* do Homem burguês-cristão típico, incitando-o a desvendar sua profundidade, a dar algum motivo a sua existência. Este filósofo – que se auto-intitula o “primeiro psicólogo” – é considerado um dos precursores da moderna psicologia, tendo inclusive renunciado várias das ideias que seriam sistematizadas por Freud. E cabe colocar que o próprio Nietzsche, por sua vez, se inspirou – conforme declara – pela “voz do sangue” de Dostoiévski, ao ler suas Memórias do subsolo. Neste texto angustiante, o escritor russo, ao perscrutar o subterrâneo humano, proclama:

Existem nas recordações de todo Homem, coisas que ele só revela aos seus amigos. Há outras que ele não revela senão a si mesmo, e assim mesmo em segredo. Mas também há, finalmente, coisas que o Homem tem medo de desvendar até a si próprio, e em cada Homem honesto, acumula-se um número bastante considerável de coisas no gênero. E acontece até que: quanto mais honesto é um Homem, mais coisas assim ele possui.

Antônio Cândido, em seu posfácio às *Obras incompletas* de Nietzsche, afirma serem *complementares* as concepções marxista e nietzscheana no tocante ao problema da *vida em sociedade* e à noção de Homem enquanto *ser inacabado*:

Se Marx ensaiava transmutar os valores sociais no que têm de coletivo, ele [Nietzsche] ensaiou uma transmutação do ângulo psicológico – do Homem tomado como unidade de uma *espécie*, pela qual é decisivamente marcado, sem desconhecer é claro, todo o equipamento de civilização que intervém no processo. São atitudes que se *completam*, pois não basta rejeitar a herança burguesa no nível da produção e das ideologias; é preciso pesquisar o *subsolo pessoal* do Homem moderno tomado como indivíduo, revolvendo as convenções que a ele se incorporam.

Embora reconheça ressalvas a certas ideias nietzscheanas, Cândido coloca que sua “lição, longe de exaurida, pode servir de guia a muitos problemas do humanismo contemporâneo”. Conforme Nietzsche, o Homem é um ser que deve ser ultrapassado, e portanto, diz Cândido, “o que ele propõe é ultrapassar constantemente o ser de

conjuntura que somos num dado momento, a fim de buscar *estados mais completos de humanização*". Vê-se aqui a aproximação conceitual entre Nietzsche e Marx acerca da *plenitude humana* e da necessária *transcendência de valores*, segundo os quais o Homem deve *transformar* sua consciência. Citando Helvétius, em *A sagrada família*, Marx escreve: "As grandes reformas apenas podem ser realizadas com o enfraquecimento da adoração estúpida que os povos sentem pelas velhas leis e costumes". Em paralelo, o autor de *Zaratustra* declara: "Destrocei tudo aquilo que algum dia meu coração venerara, derribei todos os marcos de fronteira e ídolos".

Finalmente, é importante salientar que apesar da resistência de alguns marxistas ortodoxos ainda hoje, em observar a questão do irracionalismo, o próprio Marx, já desenvolvera o tema. No artigo *Amor*, Marx, zomba da noção idealista da "*Crítica crítica*" – que tem como pretensão certa "quietude do conhecer" – afirmando o *amor* como indomável e intrínseco ao Homem:

O amor é uma paixão e não há nada mais perigoso para a *Quietude do conhecer* do que a paixão(...), satanáis em carne e osso; o amor, que é o primeiro a ensinar de verdade ao Homem a crer no mundo objetivo fora dele, um objeto não apenas interior e esquecido no cérebro, mas manifesto e aberto aos sentidos.<sup>11</sup>

A ironia de Marx denota sua precoce consciência do poder dos *instintos* sobre a razão – desequilibrando mesmo o mais *frio* cérebro racionalista: "O que a *Crítica crítica* quer combater não é apenas o amor, mas tudo o que é vivo, toda experiência sensual, toda experiência real". Mas as paixões não podem ser reduzidas a números – e daí a necessidade de que a filosofia da práxis supere este hábito intelectual *puritano*, abarcando os campos escuros do inconsciente, de forma a reforçar sua própria autonomia e ação transformadora. Apesar disto, nossa civilização cada vez mais débil e imediatista parece se afastar deste caminho – mantendo um alienado reducionismo do *real*, a propagandear supostas virtudes do que é *seguro* e *previsível*. Tal *ordem*, se fosse possível, certamente mais se assemelharia ao tédio que à felicidade.

## **5-Intelecto e sensibilidade: uma síntese dialética**

Com sua abordagem abrangente, os conceitos mariateguianos abalaram o conservador *marxismo mecanicista* – motivo pelo qual sua obra foi taxada de "ensaística" e "romântica" pela crítica socialista da época. À primeira destas críticas, ele responderia ressaltando o valor da escrita apaixonada, revolucionária, empenhada com *sangue* – e foi

---

<sup>11</sup> Em *A Sagrada família*.

deste modo, paralelo à sua vida prática, que se concretizou sua ação teórica. Há em sua obra filosófica *ensaística*, um sentido didático e ativo – um pensamento inquieto que não se basta na abstração. Como ele mesmo analisaria, suas várias viagens – com os obstáculos diários que naturalmente o *novo* sempre acarreta – contribuíram a essa formação, não apenas ampla, mas prática.

Diante da segunda crítica, a *racionalista*, Mariátegui defenderia a importância da *utopia* numa existência mais plena, postando-se contra o *niilismo cansado* do burguês cético, pusilânime e desprovido de sonhos, que só valoriza o que pode possuir, sugar de imediato e controlar, acovardando-se diante de quaisquer enfrentamentos com o desconhecido – o que Nietzsche vê como a prática daquele que apenas percebe a necessidade de superar o que é obsoleto, sem colocar a mão na massa e “destruí-lo”. Nesta questão, percebe-se, além de Nietzsche, clara influência do sindicalista Georges Sorel – tido por Mariátegui como um dos mais vigorosos continuadores de Marx. Em *Defesa do marxismo*, ideias de Sorel são convocadas em diversos momentos. Distinguindo o que é essencial à teoria marxista, daquilo que lhe é apenas contingente, o revolucionário francês, em *Reflexões sobre a violência*, em meio a um pálido período de parlamentarismo social-democrata, esclarece a função histórica da *violência* – incorporando o irracionalismo filosófico ao materialismo-histórico. Mariátegui, em consonância com Sorel, defende que a revolução “desgraçadamente” não pode ser feita com “jejuns”: “Os revolucionários de todas as latitudes devem escolher entre sofrer a violência ou usá-la”. Se não se deseja que o “espírito e a inteligência estejam às ordens da força” – afirma –, “há que se pôr a força às ordens da inteligência e do espírito”.

Outro aspecto da teoria soreliana caro a Mariátegui, é a questão da citada fé indígena, discutida pelo francês em seu *O Homem e o mito*:

O que mais pura e claramente diferencia nesta época a burguesia do proletariado é o mito. A burguesia já não tem nenhum mito. Tornou-se incrédula, cética, niilista. O mito liberal renascentista envelheceu muito. O proletariado tem um mito: a revolução social(...). A força dos revolucionários não está em sua ciência; está em sua fé, em sua paixão, em sua vontade.

Para Mariátegui, a *fé indígena* foi anteriormente fundada no misticismo – mas deve agora se tornar ideológica, em contraste com a *desesperança* do Homem ocidental. A fé – paixão por um ideal – são características intrinsecamente revolucionárias e não podem

ser confundidas com o *velho romantismo*. Em *Sete ensaios*, afirma que o romantismo do século XIX foi essencialmente *individualista*, cheio de “queixa egolátrica e narcisista”, mas no século XX, em contraste com a antiga concepção, “é, ao contrário, espontânea e logicamente socialista” – pois que o *novo romancista* “sente e ama universalmente”. Assim, ele se soma à crítica de José Ingenieros – em *O Homem medíocre* – contra a limitação racionalista: “os maiores espíritos são os que associam as luzes do intelecto às magnificências do coração”. Mariátegui dedicaria a este filósofo argentino – que também via no *entusiasmo* e na *fé* valores cruciais à revolução – um de seus perfis político-literários. Em *Do sonho às coisas: retratos subversivos*, escreve:

Sem entusiasmo de nada servem ideais bonitos, sem ousadia não se realizam atos honrosos(...). A juventude termina quando se apaga o entusiasmo. A inércia perante a vida é covardia. Não basta na vida pensar um ideal; é necessário aplicar todo o seu esforço em sua realização.

Ainda em contraposição a esse *intelectualismo*, *razão sábia* é o termo com que Sérgio Rouanet (em *Razão e Paixão*), denomina a razão dialética, que contempla tanto o intelecto, quanto o sentimento – equilibrando-se em meio à oposição extremista entre *positivismo* e *irracionalismo*. “A *razão sábia* tem consciência de que o Homem é uma personalidade complexa, *sensível* e *racional* ao mesmo tempo”. Por conseguinte, é distinta da “arrogância positivista” – que “revoga o inconsciente e rejeita a influência da afetividade sobre o conhecimento”; e dista também do irracionalismo, “porque sabe que não há outro caminho para o conhecimento, senão a razão – nosso deus Logos, disse Freud, é pouco poderoso, mas é o único que temos”. E acerca do valor dos *sentimentos*, cita o *Elogio à loucura* de Erasmo de Roterdã:

As paixões não são apenas pilotos que conduzem ao porto da sabedoria os que a ele se dirigem, no caminho da virtude, são agulhões e esporas que excitam a fazer o bem(...). Quem não fugiria com horror de um homem sem nenhuma paixão, inacessível ao amor e à piedade(...) que não perdoa nada, que não se engana nunca, que mede tudo com o esquadro, que não ama ninguém, que ousa zombar dos próprios deuses e tudo escarnece? Tal é o retrato do animal que passa por sábio perfeito.

O marxismo mariateguiano, como exposto, mais além de teoria, é sentimento – é “fé

na causa revolucionária”. Defende uma visão ampliada de revolução, que una a solidariedade camponesa à ciência europeia. A solução latino-americana está para ele na síntese *oriente-ocidente*, e a comunidade indígena poderá se converter na “célula do Estado socialista moderno” – sociedade evoluída que opere segundo uma nova conformação econômica e cultural distinta tanto da *ocidental*, como da *oriental* precedentes. Para tanto é preciso dar à luta indígena um caráter de luta de classes. Avalia que a cultura latino-americana se situa em um ponto relativamente privilegiado, entre o *racionalismo* ocidental – cuja ciência subjugou a natureza, mas também a degenerou – e o conhecimento *instintivo* dos povos indígenas, melhor adaptados ao ambiente, cultura na qual a práxis é um gesto mais presente no cotidiano<sup>12</sup>. Este equilíbrio entre as idiosincrasias *ocidental* (europeia) e *oriental* (neste caso, a indígena e a africana) se deu a partir da miscigenação étnica que acabou por brindar nossa cultura com elementos de mestiços. De modo generalista, se poderia analisar a dialética ocidentalismo-orientalismo, como a contraposição de certas tendências. De um lado temos o gesto intelectual, cético, dado à abstração, marcado pelo individualismo, ávido pela engenhosidade técnica e ansioso pelo porvir; de outro, o sentimental, esperançoso, sensualista, coletivista, adaptado à natureza que o rodeia e atento ao presente.

A admiração de Mariátegui pela cultura indígena, porém, não o impede de ter consciência de que o *restauracionismo* é impossível. Reconhece que certas conquistas *ocidentais* são irreversíveis, e sua crítica, logicamente não se posta contra o *progresso tecnológico*, mas contra *este progresso* que está contra o Homem.<sup>13</sup>

## 6- Decadência da civilização ocidental

Ocorre com Mariátegui – como com grandes pensadores de forma geral – que sua obra veio à luz muito antes de seu tempo estar apto a enxergá-la; ainda hoje mentes *progressistas* de nossa sociedade não percebem o valor de questões por ele levantadas. Um ponto central para Mariátegui – e que é comum a Marx, Nietzsche e Freud – é a contestação do suposto *progresso* ocidental – ideia iluminista. A atual *cultura industrial*

---

<sup>12</sup> Nesta mesma direção, Caio Prado nota positivamente que – contrariamente à suposição de que o índio é um povo indolente – no “extremo Norte do Brasil”, onde os povos nativos ainda predominam, “o indígena mais adaptado ao meio é bastante eficiente [em suas atividades] (em *Formação do Brasil contemporâneo*).

<sup>13</sup> Note-se aqui a semelhança com Rousseau, que há mais de dois séculos já percebera a necessidade de se superar o cientificismo da cultura industrial e urbana que “degrada e avilta o homem”, mas sem pretender com isso um regresso à ingenuidade primitiva do *Estado Natural* – o que seria até uma impossibilidade lógica, pois a *história* não comporta *caminho de volta*. Rousseau, ao criticar os bens culturais da civilização, mostra que a cultura não é um fim em si mesmo, mas que deve estar dirigida a satisfazer ao homem – sem o que, lhe é prejudicial.

pautada pelo *consumo-desperdício* continua a se empenhar, antes de tudo, na produção excessiva com ênfase num *pseudo-conforto* que ilude e adocece. Por exemplo, o caso do uso demasiado, e por vezes dependente, da eletricidade e do automóvel individual é emblemático. A sociedade capitalista põe mais importância na *segurança* e na *ordem*, apesar da limitação *vital* que isso produz, do que na saúde psicossomática, na sustentabilidade energética e na própria liberdade – conceito delicado e talvez não sujeito a categorizações. Urge pois, que seja repensada a noção atual de *desenvolvimento*. Conforme diz Freud em sua talvez mais forte crítica social, *O mal-estar na civilização*: “Os homens se orgulham de suas realizações(...). Contudo, parecem ter observado que a subjugação das forças da natureza não os tornou mais felizes; que o poder sobre a natureza não constitui a *única* pré-condição da felicidade humana”.

Uma constatação bastante explícita da decadência da civilização ocidental, e da necessidade de se valorizar as tradições de sociedades *silvestres* – que se desenvolvem em *simbiose*, e não *contra* a natureza – é o fato de que mesmo por entre as elites comandantes de tal processo, e cujos problemas econômicos estão resolvidos, o que se observa por todo lado é a infelicidade disseminada em seres enfermiços, enfastiados e sedentários. Provam isto diversos dados sobre os altos índices de depressão, insônia, ansiedade, neuroses e psicoses que afetam a população – independente de sua classe –, frutos da competição e do medo tanto à violência como à pauperização. Outro indicador é fragilidade física das classes médias urbanas – derivada de sério desequilíbrio entre atividades manuais e intelectuais. Cabe citar ainda a destruição acelerada do ambiente natural em que o Homem está inserido e da qual depende sua saúde e sobrevivência – momento crucial inclusive para que a práxis se abra às conquistas da crítica ecológica, já que sua teoria visa ser *totalizante*.

Marx, há mais de cem anos já acusava essa necessidade, ainda hoje negligenciada. Em *O Capital*, afirma o valor da *regulação*, da *mediação* entre as atividades do Homem e a natureza que o cerca. Diz que é necessária a *preservação* desta *mediação*, ou seja, a manutenção do metabolismo Homem-natureza em equilíbrio funcional:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o Homem e a natureza, um processo em que o Homem, por sua própria ação, *media, regula e controla seu metabolismo* com a natureza(...). O processo de trabalho é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o Homem e a natureza, condição natural eterna da vida humana(...) Com a preponderância sempre crescente da população urbana que se amontoa em grandes

centros, a produção capitalista acumula, por um lado a força motriz histórica da sociedade, mas perturba por outro lado, o metabolismo entre o Homem e a terra.<sup>14</sup>

Mas não há mediação – a sociedade industrial chafurda no excesso – e nos afastamos mais e mais de nossas demandas psico-corpóreas. Inclua-se aí a *necessidade da arte*, que para Marx é esfera essencial da existência humana – pois todo Homem é um *criador*, um artista em potencial. Somos portanto, seres dependentes de um *desenvolvimento* que não se pensa a si mesmo, de uma tecnologia escravizante que nos consome a breve existência em trabalhos tantas vezes vãos – que reduz as relações humanas e aliena suas potencialidades mais caras, tolhendo em grandes proporções as possibilidades de *felicidade*. Tudo em prol de um *progresso* material que *teoricamente* levaria a um aperfeiçoamento – hegeliano ou preguiçoso – da vida cotidiana, mas que na prática serve somente ao orgulho de *tristes* especialistas e seus *proprietários*.

A tais questões Mariátegui foi desde cedo atento. É a paixão do índio que o leva à revolução – afirma ele, sobre esta sociedade que considerava mais sã em diversos aspectos. De fato, Levi-Strauss, após passar quase uma década vivendo com índios brasileiros, declarou que entre eles “nunca presenciou uma briga, ou gesto grosseiro”. Oxalá fosse tal questão que intrigasse os entendidos do *intelecto* e dirigentes da humanidade – mas para resolvê-la, haveria de se romper valores, mesmo que estejam plantados nos abismos do espírito contemporâneo, fazendo-se da teoria uma prática habitual. Como a mensagem deixada pela vida e obra de Mariátegui, cabe aos marxistas compreenderem que as condições e os modos de luta são diversos – segundo a peculiaridade de cada povo e indivíduo que toma parte no embate. É afinal o próprio Marx a ensinar que a beleza está nas diferenças, e que somente uma sociedade comunista pode proporcionar aos seus indivíduos a liberdade de ousar, de criar o novo, de *indivíduoar-se*. Mas cabe antes alcançar as alturas *cotidianamente práticas* de nossa crítica teórica. Um processo revolucionário não parte de dentro do conforto de uma biblioteca, e um movimento que pretenda realizá-lo precisará ter claro que é necessário se empreender antes uma revolução de *costumes*, entender que não basta se tomarem *bens* aos proprietários dos meios de produção, para se seguir com sua mesma produção. Na realidade, o fato é que já não se precisa *desta produção*, pois ela se tornou excessiva, nociva à saúde, à arte, ao meio ambiente, ao amor, e enfim, às potências humanas – à harmonia que deve reger uma sociedade onde se deseje proporcionar ao indivíduo a igualdade material básica que torne possível o desenvolvimento de diferenças. Como diz

---

<sup>14</sup> Livro I, Cap. V (pp.142-146) e Livro II, Cap. XIII (p.100).

o poeta:

Só viverá o homem novo,

se os que por ele sofremos

formos capazes de ser semente e flor deste homem(...)

Não somos nem melhores, nem piores,

somos iguais.

Melhor é a nossa causa.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Thiago de Mello – poeta e militante amazonense, desterrado durante a ditadura militar –, em *Poesia comprometida com a minha e a tua vida*.